

Trajetórias ocupacionais de trabalhadores imigrantes no Brasil: caminhos desiguais

Lilian Silva do Amaral Suzuki

Professora Doutora da Faculdade Sul-Americana, Goiânia, Goiás, Brasil

liliansasuzuki@gmail.com

Resumo

Esse estudo buscou analisar sociologicamente as trajetórias ocupacionais de trabalhadores imigrantes presentes no mercado de trabalho formal brasileiro. Compreende-se que um estudo sobre trajetória ocupacional deve observar a história profissional e de emprego, o que pode incluir uma análise ao longo do tempo numa mesma profissão ou em períodos de mobilidade profissional. Para a compreensão das trajetórias ocupacionais e aspectos que as envolvem, a pesquisa recorreu a dados que foram coletados através da realização de entrevistas semiestruturadas e a aplicação de questionários com trabalhadores imigrantes que encontravam-se inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro. A análise das entrevistas e dos questionários permitiu constatar uma forte polarização entre os trabalhadores imigrantes presentes no Brasil, nesse sentido, enquanto uma pequena parcela insere-se em ocupações localizadas no topo da cadeia produtiva, a maior parte encontra-se atuando na base da hierarquia produtiva.

Palavras-chave: Trajetórias ocupacionais, imigrantes, mercado de trabalho formal, mobilidade, fluxos migratórios.

Introdução

Poucas questões suscitam tantas controvérsias como as migrações internacionais, por se tratar de um fenômeno social bastante complexo e multifacetado que se relaciona com outros importantes aspectos. O ato de migrar encontra-se diretamente interligado a questões econômicas, demográficas, políticas, culturais, religiosas, dentre outras.

Wang (2004) explica que a migração internacional é um fenômeno global, ainda que, atualmente, existam mais restrições legais – que dificultam ou impedem o movimento transfronteiriço de pessoas – do que há cem

anos. Por isso, os movimentos migratórios têm despertado, de modo geral, grande interesse e no campo acadêmico e científico isso não é diferente. “Uma plethora interminável de investigações lança uma luz constantemente renovada sobre as múltiplas facetas do fenômeno.” (Arango, 2003, p. 1, tradução nossa).

Se no início as poucas teorias que surgiram se mostraram bastante rígidas e sem conexão umas com as outras, os estudos migratórios mais recentes, cada vez mais, levam em consideração que a experiência de migrar engloba todas as dimensões da existência humana.

Segundo Sayad (1998) examinar os movimentos migratórios a partir de sua diversidade e complexidade significa compreendê-los como um “fato social total”, percebendo de que maneira o ato de migrar encontra-se interrelacionado à sociedade como um todo. Por isso, ao se estudar o fenômeno migratório é fundamental que se analise tanto a “sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica [...] como também sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento” (Sayad, 1998, p. 16).

Nesse sentido, compreende-se que o trabalho constitui uma importante categoria ao se analisar os fluxos migratórios contemporâneos, pois este é um elemento central de organização na vida dos indivíduos de modo geral, e as experiências adquiridas através do trabalho são fundamentais para a construção de identidades, comunidades, famílias, oportunidades etc.

Segundo Ragazzi e Sella (2013), migração e trabalho são campos que se encontram diretamente conectados, tanto porque a busca por melhores condições de trabalho é uma forte motivação dentre grande parte dos indivíduos que migram, quanto porque o trabalho é um aspecto fundamental de coesão social, especialmente para os migrantes. Portanto, a inserção no mundo do trabalho apresenta-se como um pilar para a existência de uma cidadania ativa e um passo fundamental na autoconstrução individual e no desenvolvimento de habilidades sociais.

Esse estudo origina-se de um projeto concluído¹ que teve como objetivo analisar a inserção e as trajetórias ocupacionais de estrangeiros presentes no mercado de trabalho formal no Brasil. Para isso, foram realizadas 25 entrevistas individuais em profundidade com trabalhadores imigrantes de diferentes nacionalidades que se encontravam inseridos no mercado de trabalho formal no Brasil nas cidades de São Paulo, Goiânia e Aparecida de Goiânia.

A pesquisa utilizou, também, dados obtidos através de um questionário disponibilizado *online*. Os questionários foram realizados com o intuito de se obter uma amostra mais representativa do mercado de trabalho formal brasileiro, com trabalhadores imigrantes localizados em diferentes Unidades da Federação. Isso foi possível ao adotar a seguinte estratégia: tendo conhecimento de que os trabalhadores imigrantes que recebem

1 Esse estudo integra a tese de doutorado defendida por Lilian Silva do Amaral Suzuki, intitulada “Inserção e trajetórias ocupacionais de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal brasileiro”, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG.

autorização para trabalhar no Brasil o fazem através da Coordenação Geral de Imigração (CGI) – órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego – e que após análise do pedido, caso seja deferido, a autorização é publicada no Diário Oficial da União, decidimos buscar a identificação desses trabalhadores através dessas publicações.

Dessa forma, pesquisamos as listas com os nomes das empresas e dos trabalhadores imigrantes que receberam autorização para trabalhar no Brasil, e tendo acesso aos nomes desses trabalhadores passamos a buscar na internet outras informações sobre os mesmos, tentando localizar principalmente algum tipo de contato, como *email* ou contas em redes sociais (Facebook, Twitter etc.).

Após encontrar alguma forma de contato com esses trabalhadores, foi solicitado que respondessem o questionário através de um *link* que lhes foi disponibilizado. O questionário foi formulado em inglês e contava com 40 questões, distribuídas entre perguntas abertas e fechadas. Durante dois meses realizaram-se as pesquisas nas listas de autorização de trabalho publicadas no Diário Oficial da União e foram enviados 150 *e-mails* e mensagens em redes sociais diversas, solicitando que os informantes respondessem as questões.

Durante um período de três meses deixamos o questionário aberto para receber as respostas, sendo que o mesmo foi preenchido de forma voluntária por 15 trabalhadores imigrantes localizados em diferentes Unidades da Federação. Esses dados foram incorporados à pesquisa e contribuíram para a análise das trajetórias ocupacionais de trabalhadores imigrantes inseridos no mercado de trabalho formal no Brasil.

Trajетórias ocupacionais: dimensões conceituais

Segundo Bourdieu (1996), as trajetórias podem ser compreendidas como o produto de um sistema de traços pertinentes a uma biografia individual específica ou de diversas biografias, ou como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente – ou mesmo grupo –, em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (Bourdieu, 1996, p. 81).

Bourdieu (1996) explica que para realizar uma análise de trajetórias é fundamental delimitar os indivíduos a partir de seu campo social. Portanto, analisar uma trajetória constitui investigar a sequência histórica da vida dos indivíduos em um espaço social determinado. Por isso, é importante buscar informações desde a origem social do indivíduo até o momento atual em que sua vida perpassa, pois entende-se que o *habitus* primário, em função do ambiente familiar, exerce uma forte marca social na identidade do indivíduo.

A preocupação sociológica acerca das trajetórias ocupacionais, especificamente, surgiu a partir dos anos 1970, buscando enfatizar o fato de que a trajetória ocupacional de um indivíduo é definida socialmente na medida em que suas escolhas são limitadas pela existência de uma estrutura social que se apresenta de forma desigual para os diferentes indivíduos (Bourdieu, 1986). Portanto, a noção de trajetória ocupacional visa reconstruir

as mudanças de posição ao longo da vida profissional de um indivíduo, porém, obviamente, essas trajetórias são também sociais, pois ocorrem em um contexto institucional, com normas e estruturas que condicionam as oportunidades de trabalho.

De acordo com Silva (2011), o conceito de trajetória ocupacional envolve diversos aspectos estruturais do mercado de trabalho, como por exemplo,

a influência de fatores macroeconômicos, locais e globais; a natureza das estratégias empresariais para um determinado segmento de mercado e as demandas por determinados perfis de trabalhadores; fatores inerentes aos projetos pessoais dos trabalhadores, bem como os capitais, econômicos e simbólicos, que os mesmos mobilizam para a sua inserção ou mobilidade no mercado de trabalho (Silva, 2011, p. 60).

Valenduc et al. (2009) explicam a diferença entre os termos carreira e trajetória, pois apesar de recorrentemente serem colocados como sinônimos – pois ambos descrevem o caminho de entrada individual no mercado de trabalho e os passos contínuos da vida profissional de um indivíduo –, existem diferenças entre essas concepções, já que a noção de carreira volta-se para a gestão de recursos humanos, tendo como suporte teorias psicológicas e organizacionais que compreendem as carreiras como um caminho individual dentro ou entre organizações, enquanto a noção de trajetória encontra-se relacionada ao mercado de trabalho e busca evidenciar a inserção, a mobilidade, as transições e os caminhos profissionais dos indivíduos. Portanto, a noção de trajetória refere-se a um atributo de um indivíduo, enquanto a noção de carreira refere-se a um atributo de um sistema social.

Ao demonstrar as diferenças entre os conceitos de percursos, carreiras e trajetórias, Dubar e Nicourd (2017) explicam que a noção de percurso decorre de uma aproximação entre a sociologia e a demografia, e que esse conceito possibilita pensar a existência social enquanto um processo, pois parte do pressuposto de que existe uma relação de interdependência entre a história dos indivíduos e das sociedades. A noção de carreira parte de uma abordagem construtivista, favorecendo a análise das instituições, especialmente de situações laborais, portanto, a noção de carreira está ligada a uma lógica institucional que permite “compreender os contextos, as mudanças, as evoluções para esclarecer as aprendizagens em uma situação, objetivando os condicionantes sociais que permanecem determinantes”² (Dubar, Nicourd, 2017, p. 43, tradução nossa). Por fim, a noção de trajetórias corresponde a “uma curva que liga sucessivas posições sociais de várias pessoas de uma mesma linhagem ou momentos de um curso de vida individual.”³ (Dubar, Nicourd, 2017, p. 31, tradução nossa).

2 Tradução livre de: “de saisir les contextes, les changements, les évolutions pour éclairer les apprentissages en situation tout en objectivant les contraintes sociales qui restent déterminantes” (Dubar, Nicourd, 2017, p. 43).

3 Tradução livre de: “courbe reliant les positions sociales successives de plusieurs personnes de la même lignée ou de moments d’un cours individuel de vie” (Dubar, Nicourd, 2017, p. 31).

De acordo com Edmonston (2013), uma análise que busque examinar a trajetória ocupacional de um indivíduo deve focar sua história ocupacional e de trabalho, sendo que tal análise pode incluir uma análise ao longo do tempo numa mesma profissão ou em períodos de mobilidade profissional.

Segundo Riera (2013) os estudos sobre trajetórias têm sido utilizados cada vez mais para explicar a mobilidade com relação a certos segmentos ocupacionais e possíveis estratificações do mercado de trabalho, assim como para identificar tipos diferentes de mobilidades. Desse modo, a noção de trajetórias ocupacionais aplicada à experiência dos trabalhadores imigrantes tem sido utilizada especialmente para compreender de que forma esses indivíduos são capazes de acumular experiências laborais no mercado de trabalho da sociedade de destino.

As abordagens teóricas que buscam entender e explicar a forma como ocorre a sequência de posições de trabalho desses trabalhadores têm sido fornecidas, principalmente, pelas teorias do capital humano, assim como pelas teorias estruturalistas. A autora afirma que a literatura sobre trajetórias ocupacionais de imigrantes tem sido desenvolvida principalmente a partir de uma perspectiva biográfica, e que pode ser resumida em seis temas principais:

1. O status socioeconômico dos trabalhadores de origem imigrante em comparação com os trabalhadores de origem nativa;
2. A possível discriminação do mercado de trabalho em relação aos imigrantes;
3. O ajuste estrutural dos imigrantes aos mercados de trabalho receptores;
4. Os efeitos da integração de trabalhadores estrangeiros aos níveis de emprego e salários nacionais;
5. A incorporação da perspectiva de gênero na análise das migrações internacionais;
6. A influência das redes sociais nos processos de migração e integração no novo mercado de trabalho.⁴ (Riera, 2013, p. 43, tradução nossa).

Portanto, compreende-se que uma análise que pretenda observar as trajetórias ocupacionais de trabalhadores imigrantes deve considerar o dinamismo existente entre variáveis individuais e estruturais, buscando entender de que forma indivíduos de origens étnicas diversas podem ter trajetórias ocupacionais diferentes no mercado de trabalho da sociedade de destino, considerando suas experiências laborais do passado até o momento presente e questões relacionadas à mobilidade ocupacional desses imigrantes.

4 Tradução livre de: “1. L’estatus socioeconòmic dels treballadors d’origen immigrant en comparació al dels treballadors d’origen autòcton. 2. Les possibles discriminacions del mercat laboral cap els immigrants. 3. L’ajustament estructural dels immigrants dins dels mercats de treball receptors. 4. Els efectes de la integració dels treballadors estrangers en els nivells d’ocupació i salaris nacionals. 5. La incorporació de la perspectiva de gènere en l’anàlisi de les migracions internacionals. 6. La influència de les xarxes socials en els processos migratoris i d’inserció en el nou mercat laboral”

As trajetórias dos imigrantes inseridos na ponta virtuosa da produção no Brasil

A partir dos dados coletados e das análises realizadas nos questionários e nas entrevistas, algo que ficou bastante evidente foi a existência de uma estrutura produtiva dual⁵ do mercado de trabalho no Brasil, que absorve imigrantes para atuar tanto na ponta virtuosa, quanto na ponta precária da produção. Por isso, pretende-se nesse momento demonstrar aspectos que envolvem a trajetória ocupacional dos imigrantes que se inserem em estratos mais altos da hierarquia produtiva no mercado de trabalho formal no Brasil.

De acordo com Sassen (2011), ao longo dos séculos, a divisão internacional do trabalho incluiu uma variedade de circuitos translocais de trabalho e capital. No entanto, esses circuitos se alteraram consideravelmente ao longo do tempo e do espaço; dessa forma, circuitos antigos que continuam existindo atualmente alimentam-se de novas dinâmicas, enquanto emergem também novos tipos de circuitos de trabalho e de capital. Um exemplo disso é o surgimento de novas geografias globais que atravessam a antiga divisão Norte-Sul e são constituídas através de uma variedade de processos específicos, como por exemplo as operações cada vez mais globalizadas de empresas e de mercados, através da multiplicação de empresas multinacionais e transnacionais.

As denominadas “cidades globais” se caracterizam, portanto, pela dispersão de suas atividades de produção em diferentes localidades geográficas, e, assim, as redes de produção tornam-se cada vez mais complexas e globalizadas e exigem novas formas de serviços financeiros e de produtores com capacidades específicas para gerenciá-las.

Nesse sentido, a migração de trabalhadores é uma importante peça na engrenagem das novas geografias globais. Sassen (2011) afirma que uma marca das migrações contemporâneas é o deslocamento não apenas de trabalhadores mal remunerados e que irão se inserir em empregos precários, mas também de trabalhadores de alto nível, que irão se inserir em postos de trabalho altamente qualificados e em cargos de gerência, portanto, é possível afirmar de forma conceitual que os fluxos migratórios contemporâneos têm propiciado a “formação incipiente de dois circuitos laborais globais, respectivamente, no topo e na base do sistema econômico”⁶ (Sassen, 2011, p. 56, tradução nossa).

Sendo assim, um desses circuitos laborais globais caracteriza-se pela inserção de uma força de trabalho transnacional, composta por profissionais altamente qualificados ou especializados que irão atuar em diferentes áreas do setor produtivo, em postos de trabalho diversos. Esse tipo de circuito e de inserção ficou bastante explícito, principalmente, nos

5 Ainda que existam imigrantes inseridos em posições intermediárias, eles apareceram com pouca frequência, e o que ficou mais evidente nos dados coletados foi essa polarização, entre trabalhador(a)s imigrantes inseridos em ocupações mais prestigiadas e outra parte em ocupações mais subalternas. Por isso, a exposição das trajetórias ocupacionais dos imigrantes inseridos no topo e na base da cadeia produtiva, buscando apontar as principais características de cada, foi o que se mostrou mais adequado para esse estudo.

6 Tradução livre de: “to the incipient formation of two global labor circuits, respectively at the top and at the bottom of the economic system” (Sassen, 2011, p. 56).

dados coletados através dos questionários, onde todo(a)s o(a)s informantes têm como característica um alto nível de escolaridade e entram no país para trabalhar em empresas de médio e grande porte, especialmente em empresas multinacionais.

Uma característica predominante entre o(a)s trabalhadore(a)s imigrantes que preencheram o questionário *online* é a constatação de que se encontram inserido(a)s em ocupações que necessitam de algum tipo de formação educacional específica para serem realizadas, ou seja, são profissionais que atuam em empresas que procuram/necessitam da figura do técnico/especialista que atue com precisão e *expertise*, e por isso esses imigrantes conseguem acessar setores mais “protegidos” do mercado de trabalho.

Quando questionados quais aspectos seriam importantes para um imigrante conseguir um emprego no Brasil, a maioria entende como tendo muita relevância o fato de se ter uma experiência de trabalho anterior no exterior; ser um especialista na profissão; e ter uma formação educacional no exterior.

Com relação aos/as trabalhadore(a)s que se encontram atuando em empresas multinacionais, a constatação que se faz é que esse(a)s trabalhadore(a)s chegam ao Brasil para ocupar cargos de gerência e direção, em empresas onde já atuavam anteriormente, ou seja, são profissionais que já possuem uma carreira dentro dessas empresas, como é possível notar nas respostas a seguir:

Eu estou trabalhando nessa mesma empresa na Finlândia. Eu informei o gerenciamento da empresa que estava disponível, caso precisassem enviar alguém para o Brasil e aqui estamos [...]. Atualmente atuo como gerente de vendas de nossos produtos aqui no Brasil [...], anteriormente na Finlândia eu trabalhava na parte operacional [...]. (Questionário nº 09, 46 anos, finlandês).

Eu já estava trabalhando para esta empresa na Holanda. Agora aqui no Brasil eu sou gerente de pesquisa e desenvolvimento na empresa, que faz o tratamento de sementes [...], a diferença é que antes na Holanda eu era coordenadora e atualmente sou gerente, ou seja, tenho mais responsabilidades [...]. (Questionário nº 12, 37 anos, holandesa).

A empresa russa comprou esta fábrica no Brasil e eles precisavam de pessoas russas na parte da administração, atualmente sou controladora financeira da empresa aqui [...], na Rússia eu era auditora [...]. (Questionário nº 07, 32 anos, russa).

Portanto, percebe-se que esse(a)s trabalhadore(a)s possuem uma alta disponibilidade para o emprego, pois correspondem às necessidades das empresas e/ou se colocam à disposição para se deslocar e estar presentes fisicamente em centros de trabalho localizados em diferentes países. Essa característica ficou evidente entre o(a)s trabalhadore(a)s que circulam através das empresas multinacionais, como é possível observar na resposta de um dos informantes:

Eu já tive empregos semelhantes como esse de agora, em que tive que ir para outros lugares, por isso eu já estive em diferentes períodos de tempo na

China, no Brasil, na Índia, em diferentes países da Europa etc. Nossa empresa trabalha globalmente, por isso eu estive trabalhando e viajando para o exterior bastante nos últimos anos. (Questionário n.º 09, 46 anos, finlandês)

Esse tipo de mobilidade, que corresponde a um funcionário de uma organização ser enviado de seu país de origem e/ou residência permanente para um país no exterior para trabalhar temporariamente, é denominada de “expatriação”. Segundo McNulty (2013), os expatriados (*expats*) modernos trabalham de forma alternada, exercendo por determinados períodos atividades no local de origem e em outros momentos indo trabalhar em diferentes países, vivenciando uma experiência “aqui e lá”, gerenciando sua própria carreira e o deslocamento de sua família, porém tudo isso ocorre de modo interno a uma empresa. Esses trabalhadores seriam impulsionados pela necessidade de criar e desenvolver habilidades escassas para tarefas imediatas dessas empresas e para desenvolverem capacidades relacionadas à capacidade de liderança global.

Sassen (2011) explica que o significativo aumento de mercados emergentes criou uma série de demandas nos últimos anos; por isso, grandes empresas e corporações passaram a deslocar seus funcionários para diferentes lugares do mundo para explorar e aproveitar novas oportunidades.

Nesse sentido, na medida em que empresas multinacionais entraram nesses mercados emergentes para capitalizar a crescente população consumidora, assim como para reduzir os seus custos de produção e instalar centros de atendimento para os clientes desses locais, essas empresas passaram a enviar funcionários próprios para o exterior, sendo que os principais objetivos desses trabalhadores geralmente consistem em: explorar os novos mercados; criar operações; fornecer habilidades consideradas escassas e especializadas; resolver problemas e necessidades das empresas de forma imediata; contribuir com projetos à curto prazo; apoiar as empresas em processos de transformação ou reestruturação; atuando como agentes de transferência de rotinas, informações, conhecimento, valores e cultura da empresa sede para as subsidiárias, dentre outros.

De acordo com Beaverstock (2012), as grandes corporações transnacionais dependem cada vez mais de um fornecimento contínuo de profissionais altamente qualificados, para ocupar cargos de gerência, executar trabalhos técnicos, científicos e criativos; por isso, a utilização de trabalhadores imigrantes altamente qualificados visa atender uma demanda dos mercados de trabalho globais e acaba por agregar um valor econômico e simbólico para essas empresas.

Um outro aspecto interessante é perceber que a maioria afirma não enviar remessas de dinheiro para pessoas que permaneceram nos países de origem. Ou seja, a migração aqui não possui um caráter estritamente instrumental, algo bem característico em determinados fluxos migratórios, quando os emigrantes partem para buscar melhores condições econômicas para conseguir ajudar aqueles que permanecem nos locais de origem.

Portanto, entende-se que a motivação desse(a)s trabalhadore(a)s de virem trabalhar no Brasil encontra-se interligada a outros aspectos, como, por exemplo, corresponder

positivamente às expectativas e necessidades das empresas em que atuam ou obter um ganho de experiência trabalhando no exterior.

Porém, um aspecto que surge e parece ter uma forte ligação com essa motivação está ligado à identificação e a uma preferência positiva desses trabalhadores com relação às suas funções laborais, e isso apareceu nos dados dos questionários de modo bastante expressivo, pois quando questionados se identificam-se com o trabalho que fazem, todo(a)s os(as) informantes responderam positivamente.

Nesse sentido, compreende-se que essa identificação com as funções desempenhadas emerge enquanto resultado de um processo relacional, entre as identidades dos sujeitos em determinado sistema de ação e a trajetória ocupacional dos mesmos ao longo de suas vidas (Dubar, 1998).

Portanto, para que tal identificação ocorra, é fundamental que haja o aproveitamento de habilidades e especialidades desses indivíduos em seus espaços laborais, e essa é uma característica comum a todos o(a)s informantes que responderam o questionário *online*, pois exercem funções que são específicas, que necessitam de habilidades adquiridas previamente, e isso acaba facilitando o processo de migração para o Brasil e a experiência migratória desse(a)s trabalhadore(a)s.

As trajetórias dos imigrantes inseridos na ponta precária da produção no Brasil

Sassen (2011) explica que os processos de globalização produzem uma demanda crescente por determinados tipos de mão de obra. Ao mesmo tempo em que há uma forte demanda por profissionais transnacionais de alto nível, existe também uma grande demanda por trabalhadores que serão mal remunerados e irão ocupar postos de trabalho precários, sendo que muitas vezes esses trabalhadores são oriundos do Sul global.

A incorporação desses imigrantes nos mercados de trabalho das sociedades de destino geralmente ocorre em ocupações diversas, na maioria das vezes exercendo trabalhos manuais e genéricos, mediante más condições de trabalho. Desse modo, a dinâmica da nova divisão internacional do trabalho permite que alguns trabalhadores, empresas e setores sejam “sobrevalorizados” e outros “subvalorizados”.

Nesse sentido, as mudanças estruturais nos mercados e nas economias mundiais que emergem na era da acumulação flexível ou pós-fordista implicam na passagem das formas estáveis e regulamentadas de trabalho para o trabalho casual (desregulamentado) e, muitas vezes, informal – temporário, parcial e etc. –, com uma constante instabilidade laboral e poucos ou nenhum benefício para os trabalhadores.

Para Harvey (2008), o processo de reestruturação produtiva, ou, como denomina, a “produção flexível”, faz parte de um novo modelo de acumulação. Harvey (2008) diz que a acumulação flexível:

é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos

produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores quanto entre regiões geográficas, criando por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado "setor de serviços", bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (Harvey, 2008, p. 140).

A reestruturação dos processos de produção desencadeia uma crise no mundo do trabalho, pois é percebida uma redução do trabalho assalariado, um crescimento nas formas de trabalho não assalariado e também nas taxas de desemprego. Nesse sentido, diversos autores buscam compreender os efeitos e implicações da reestruturação produtiva e da globalização nos movimentos migratórios contemporâneos.

Simon (2002) considera que podemos identificar ao analisar os fluxos internacionais três tipos básicos de migrantes: a) aqueles que atendem as demandas de mão de obra em relação a trabalhos específicos existentes nos países receptores, sendo assim esses migrantes são os que se submetem a funções subalternas, e não há aqui o aproveitamento de atributos como a escolaridade e as capacidades individuais; b) em seguida existem aqueles que fazem parte de uma elite profissional circulante e internacionalizada, que são conhecidos por exportar suas competências técnicas; c) e, por fim, os refugiados.

Dessa forma, essas mudanças nas economias globais contribuíram para o crescimento de empregos de baixa renda nos principais centros econômicos, tanto no Norte global quanto no Sul global. Essas novas tendências têm gerado efeitos diversos, como o aumento da instabilidade econômica de modo geral e o surgimento de novas formas de emprego.

Existe assim, um conjunto de condições que influenciam diretamente na formação dos fluxos migratórios de trabalhadores "precarizados" na contemporaneidade, como por exemplo o crescimento do setor de serviços; a disseminação de mão de obra temporária, parcial e outras formas de trabalhos atípicos; os processos de produção não convencionais em fábricas e em trabalhos industriais etc. Logo, todos esses aspectos são fundamentais para a compreensão do aumento na disponibilidade de empregos de baixa renda e a procura de trabalhadores imigrantes para preenchê-los.

Esse tipo de inserção e de trabalho corresponde à maciça maioria dos trabalhadores imigrantes que se encontram inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro, como apontam dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Suzuki, 2018).

Assim, ao analisar as trajetórias ocupacionais do(a)s informantes que realizaram as entrevistas, especialmente os(as) trabalhadore(a)s oriundos de países do hemisfério sul, percebe-se que a maioria se encontra em atividades pertencentes à ponta precária da produção, porém nota-se que, nos países de origem, o(a)s mesmo(a)s também encontravam-se inseridos em ocupações semelhantes, ainda que em alguns relatos de trabalhadores haitianos, fique explícito que as condições de trabalho aqui no Brasil, muitas vezes, podem ser ainda piores do que as vividas no Haiti:

Eu comecei a trabalhar com 15 anos, mas eu deixei o Haiti e fui trabalhar na República Dominicana com 17 anos e fiquei lá 20 anos, e trabalhei sempre na construção civil como pedreiro. Lá no Haiti, eu era chefe de pedreiro, eu tinha 40 trabalhando para mim numa obra, o trabalho lá não era pesado igual aqui, eu não carregava peso o dia inteiro (Italo⁷, 38 anos, haitiano).

Eu tinha 14 anos quando meu pai morreu e eu tive que assumir o trabalho que ele fazia no campo, trabalhava na nossa terra mesmo, aí plantava todas as plantas, tomate, pimenta, milho, mandioca, quiabo, feijão, aí vendia. Lá no Haiti o trabalho é muito difícil porque lá tem mês que tem água e tem mês que não tem, aí perdia tudo [...]. Aqui sou carregador, o trabalho é pesado demais, carregar caixa de alimento, eu entro 6h da manhã e saio 17h da tarde, eu pensar que Deus vai arrumar um trabalho melhor para mim [...] (Joseph, 24 anos, haitiano).

No meu primeiro emprego eu vendia roupas, camiseta, aí depois eu deixei, trabalhei na empresa Coca-Cola, aí saí e fiquei trabalhando por conta própria pintando. [...] Agora aqui estou na empresa de tomate, mas lá o serviço é muito ruim, o trabalho começa 4 horas da manhã até meio-dia, sem parar, e às vezes tem que trabalhar até 22 horas da noite, é muito pesado, mais que em Haiti, mas em Haiti não tem trabalho nenhum agora (Vicent, 41 anos).

O projeto de migração juntamente com à trajetória ocupacional desses trabalhadores possui elementos distintos dos encontrados e expostos na seção anterior, a começar pela decisão de emigrar, que ocorre em praticamente todos os casos, em algum momento de deterioração das condições materiais de vida do núcleo familiar no país de origem, ou por situações extremas que exigem que tais pessoas deixem a sociedade de origem.

Esse ponto inicial marca uma primeira diferença com relação às trajetórias anteriores, uma vez que a busca por melhores condições de vida e de trabalho entre esses trabalhadores emerge fortemente entre esses entrevistados, aspecto inexistente entre o(a)s informantes que responderam o questionário *online*. Os trechos abaixo deixam isso bastante evidente:

Eu venho aqui, Brasil, teve o terremoto lá no Haiti, teve muita pessoa que morreu, não tem muita faculdade lá igual aqui, aí tenho muita dificuldade, aí venho aqui fazer faculdade e trabalhar também (Oliver, 32 anos, haitiano).

Eu cheguei em Brasil, porque lá passou terremoto, minha mãe morreu, derrubou minha casa, e tudo caiu, não tinha como ficar, lá quando passou terremoto, todas as pessoas, quem não morreu, foi para outros países, Estados Unidos, entendeu? Agora nós ficamos no sofrimento, entendeu? Pouco trabalho, pouco serviço, o pessoal tem que sair de lá, ir para outro país, para ajudar (Italo, 38 anos, haitiano).

Eu venho a Brasil porque em 12 de janeiro de 2010 passou o terremoto, lá tem muita gente morrendo, o serviço é muito fraco, eu venho aqui para trabalhar, para ajudar, minha esposa, minha filha, minha família também (Jim, 41 anos, haitiano).

7 Todos os nomes utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos informantes.

Porque Haiti não tem muito trabalho, depois do terremoto, lá ficou pior. Não tem água, comida, tinha que sair, por isso venho para Brasil, para trabalhar (Patrick, 40 anos, haitiano).

Eu vim por causa da guerra na Síria, não tinha mais segurança para ficar lá com minha família, eu deixei para trás 40 anos da minha vida [...]. Por que Brasil? Porque só Brasil abre portas para viajar sem documentos. Por isso escolhi o Brasil, porque no Brasil não precisa. Eu não sabia muitas coisas sobre o Brasil, só algumas, como Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas, café e futebol (Daniel, 43 anos, sírio).

Eu tinha uma loja no Peru, uma pequena loja, mas as coisas foram ficando difíceis e tive que fechar. Para minha família não passar necessidade eu tive que pensar em uma alternativa e como conhecia algumas pessoas que estava aqui no Brasil, decidi vir para cá. Aí eu vim primeiro e quando consegui trouxe eles para cá (Alexandre, 45 anos, peruano).

Portanto, entre esses entrevistados é possível notar a existência de processos contraditórios adjacentes à condição de imigrante, como, por exemplo, casos de inconsistência de *status*. Os relatos de Daniel, Alexandre e Gael demonstram essa inconsistência de *status* vivenciada por muitos trabalhadores imigrantes, pois apesar de possuírem ensino superior completo, muitos não conseguem trabalhos que aproveitem a formação educacional específica que possuem:

Aqui no Brasil eu preciso trabalhar, eu ainda não consegui reconhecer o meu diploma, mas estou tentando, para mim eu quero reconhecer o meu diploma, para tirar o meu diploma do Brasil, porque eu estudei 5 anos para ficar engenheiro e não cozinheiro. Mas também eu preciso trabalhar para viver, eu gosto de cozinhar, eu gosto da cozinha, da comida, mas eu cozinhava antes no meu país como *hobby*, não como trabalho (Daniel, 43 anos, sírio)

Eu sou formado em contabilidade, logo depois de sair da faculdade em Peru, eu comecei a trabalhar nessa área, mas depois decidi abrir um negócio próprio lá. Aqui no Brasil é bem complicado, pois eu tive muita dificuldade para encontrar qualquer tipo de emprego, eu fiquei quase cinco meses desempregado, na minha área então acredito que seria praticamente impossível (Alexandre, 45 anos, peruano).

Depois que terminei a faculdade, eu decidi vir para o Brasil. Sempre quis morar fora e aqui me pareceu ser um bom lugar [...]; tenho formação em artes, já tentei dar algumas aulas por aqui, mas nunca consegui, já me ofereceram para dar aulas de espanhol, mas eu não sou professor de espanhol e teria muita dificuldade. Depois que cheguei já trabalhei em outros bares e restaurantes e tem um tempo que estou trabalhando como garçom nesse, não é o emprego dos sonhos, mas dá para pagar as minhas contas e continuar vivendo aqui (Gael, 29 anos, uruguaio).

Esses trabalhadores inseridos na ponta precária da produção também apresentam uma maior vulnerabilidade social. Nesse sentido, a vulnerabilidade dos trabalhadores

imigrantes geralmente se reflete mediante a ausência de medidas de segurança no local de trabalho, situações de informalidade na contratação, processos de terceirização etc.

Isso emergiu de modo bastante forte, principalmente, entre os trabalhadores haitianos, pois vários evidenciaram durante as entrevistas que estavam sujeitos a péssimas condições de trabalho, jornadas exaustivas e baixos salários, como apresentam Ítalo e Patrick:

Aqui, desde que eu cheguei, estou nessa empresa de tomate, passo o dia todo carregando peso das 5h da manhã às 17h, ganho dinheiro “quebrando a coluna”, é muito pesado, mas é o que tem [...]. Quando chegamos em Goiânia, o dono da empresa alugou uma casa e nós fomos morar, aí quando o pagamento chegou ele descontava, só depois de seis meses deixei a casa dele, aí foi para outro lugar com um colega, aí sobrava mais dinheiro [...]. Recebo um salário, trabalhando lá (Ítalo, 38 anos, haitiano).

Eu trabalho de *cargar e descarregar* tomate, o tomate chega no caminhão, aí tem que pegar e colocar e tirar do caminhão e levar para o mercado [...]. Trabalho já tem dois anos e sete meses, de segunda a sábado, começa 4 horas da manhã e saio 17 da noite ou 19 da noite, depende, se não tem cliente trabalha pouco, se tem cliente trabalha mais, o trabalho aqui é mais duro que no Haiti, é muito peso. [...] Tem vezes que tem hora-extra, em final de ano tem, e quando chega em fim de ano o patrão avisa que só tem hora para chegar, não tem hora para embora (Patrick, 40 anos, haitiano).

Além disso, esses projetos migratórios, ao contrário dos perfis anteriores, evidenciam aspectos mais instrumentais, como, por exemplo, a necessidade de guardar algum dinheiro e enviar remessas econômicas para a família que permanece no país de origem. Algo que entre os trabalhadore(a)s inserido(a)s na ponta virtuosa apareceu de modo pouco significativo, entre esses outros imigrantes apresenta-se expressivamente:

Q. – *Você manda dinheiro para alguém que está em seu país?*

R. – Sim, dinheiro para pai, mãe e irmã, tenho que ajudar eles (Oliver, 32 anos, haitiano).

R. – Mando dinheiro. Eu tenho filho que está lá (Martin, 30 anos, haitiano).

R. – Minha família que ficou em Haiti, eu mando um pouco de dinheiro para eles, é pouco, mas dá para ajudar (Jim, 41 anos, haitiano).

R. – Eu mando todo mês para a minha namorada que fica lá (Joseph, 24 anos).

R. – Sim. Para minha mãe, eu ajudar ela (Vicent, 41 anos, haitiano).

Uma outra questão que surge de modo bastante expressivo entre esses trabalhadores inseridos em trabalhos localizados na base da cadeia produtiva é a não identificação com as atividades desempenhadas. Muitos demonstram que, devido às más condições de trabalho ou por estarem desempenhando atividades bastante diferentes das atividades a que estavam acostumados, sentem dificuldade, não gostam ou não se identificam com a profissão que exercem atualmente; isso fica bastante perceptível na fala do haitiano Ítalo e do sírio Daniel:

Aqui em Brasil tem muito emprego grande, Haiti não tem muito disso. Como eu sou pedreiro, se eu acho um emprego em construção eu ganho dinheiro, se não tem também eu fico sem nada. Aqui é muito pesado, pedreiro é pesado também, mas não igual aqui. Se esse trabalho não ficar bom, eu vou romper, não vou ficar, eu não trabalhava pesado lá assim [...], queria encontrar aqui um trabalho igual o que eu tinha em Haiti, mas até agora não achei, só tem esses de carregar peso [...]; eu, nós tem que trabalhar, tem que pagar aluguel, não pode ficar na rua, tem que comer, tem que comprar um sabão para lavar roupa, tenho que trabalhar, mas para mim é muito pesado esse trabalho, eu não gosto (Ítalo, 38 anos, haitiano).

Eu gosto de ser engenheiro porque eu estudei para ser engenheiro, eu estudei 5 anos para isso. Eu gosto da cozinha, da comida, mas para mim, para minha família; isso era um *hobby*, não um trabalho. Mas agora no Brasil isso é o meu trabalho. Meu desejo é de conseguir reconhecer o meu diploma, cadastrar em CREA e trabalhar como engenheiro, ainda que eu goste da cozinha eu não quero trabalhar com isso para o resto da vida, eu quero voltar a trabalhar com o que eu realmente gosto e estudei, que é a engenharia (Daniel, 43 anos, sírio).

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas no Brasil, devido a aspectos como dificuldades de inserção no mercado de trabalho e condições precárias de trabalho, a maioria dos haitianos entrevistados manifestaram o desejo de permanecer no Brasil, pois entendem que mesmo com todas essas dificuldades, as condições de vida no Brasil são melhores se comparadas às do Haiti.

Sim, quero ficar. Minha esposa tá lá e depois filha também, quero trazer, em Brasil estou tranquilo. Prefiro ficar aqui, lá tem muita dificuldade (Jim, 41 anos, haitiano).

Aqui tá melhor para mim. Lá tem muito problema. Eu vou ficar, porque tá melhor, no Haiti só tem guerra e dificuldade, lá não tem emprego, tem greve sempre na política, tem muito problema (Joseph, 24 anos, haitiano).

Eu vou voltar a Haiti, em 2018, vou ver mãe e pai, mas não para ficar. Vou ficar aqui (Oliver, 32 anos, haitiano).

É difícil para voltar agora, porque no Haiti está muito perigoso, é melhor para ficar aqui (Martin, 30 anos, haitiano).

Para esses trabalhadores imigrantes, portanto, as suas trajetórias de trabalho no Brasil são marcadas pela necessidade de enviar remessas econômicas para o país de origem e melhorar as condições de vida de suas famílias. Assim, a emigração ocorre no momento em que todas as outras opções desaparecem, com situações de perda material, a acumulação de dívidas ou o desemprego de longa duração. No Brasil muitos experimentam durante o processo de migração trocas constantes de trabalho, situações de inconsistência do *status*, inserção em trabalhos em condições precárias e mal remunerados.

A influência da origem étnica, da formação educacional, da estrutura do mercado de trabalho e das decisões individuais nas trajetórias ocupacionais

Como foi demonstrado anteriormente, alguns imigrantes ao chegar no país de destino conseguem rapidamente fazer uma única transição para um emprego estável. Porém, para outros o processo de incorporação no mercado de trabalho é mais complicado, e envolve uma série de eventos e transições dentro e fora do mercado de trabalho e em diferentes tipos de emprego.

Para tais indivíduos, a incorporação no mercado de trabalho pode ser entendida como um processo que se liga a diversos eventos anteriores, que moldam e influenciam diretamente a busca por inserção e mobilidade ocupacional dos imigrantes na sociedade receptora.

Diversos estudos demonstram (Bean; Leach; Lowell, 2004; Chiswick; Lee; Miller, 2005; Akresh, 2008) que, geralmente, os imigrantes recém-chegados carregam determinadas desvantagens, como a falta de domínio do idioma local; redes pessoais limitadas; credenciais educacionais e habilidades que não podem ser aproveitadas de modo imediato no mercado de trabalho de destino, e isso tende a resultar em maiores riscos de desemprego e empregos de baixa qualidade. Porém, como é possível explicar que dois imigrantes diferentes mediante esses mesmos aspectos apresentem trajetórias ocupacionais totalmente distintas na sociedade de destino? Como alguns conseguem se inserir em ocupações melhores, localizadas no topo da cadeia produtiva e outros adentram espaços laborais mais subalternos?

Compreende-se que apenas esses fatores não são capazes de explicar diferenças expressivas com relação à inserção e à trajetória ocupacional de imigrantes nas sociedades receptoras, pois é necessário levar em consideração outros fatores, como as decisões individuais desses imigrantes, assim como diferenças referentes ao capital humano e cultural dos mesmos, e também diferenças estruturais no contexto da sociedade de destino, que podem afetar positivamente ou negativamente alguns imigrantes mais do que outros.

Um aspecto que parece ter bastante influência na probabilidade de aumentar ou diminuir as chances de um trabalhador imigrante ter uma trajetória laboral bem-sucedida no local de destino é a sua origem étnica. Fossati et al. (2017) afirmam que diversas pesquisas realizadas em diferentes campos do saber demonstraram ao longo do tempo que os empregadores podem, conscientemente ou inconscientemente, discriminar indivíduos provenientes de contextos culturais diferentes, porém não seria simplesmente discriminar todos os imigrantes da mesma forma; mas há sim uma classificação com relação a diferentes grupos étnicos e nacionalidades, e a partir dessa classificação tem-se um efeito de discriminação positiva ou negativa.

Percebe-se, nesse sentido, que algumas nacionalidades acabam por acumular um nível mais elevado de desvantagens do que outras. No caso de trabalhadores provenientes de países do Sul global as barreiras para sua inserção e mobilidade ocupacional ascendente no mercado de trabalho formal no Brasil apresentaram-se nos dados coletados de forma mais intensa.

Isso ficou bastante perceptível ao acompanhar, por exemplo, as trajetórias ocupacionais de dois trabalhadores haitianos, Oliver e Martin. Esses entrevistados informam que frequentaram o ensino superior no Haiti. Apesar de não conseguirem concluir o curso de graduação, os mesmos atuavam como professores no Haiti, dando aulas para crianças e adolescentes, até o momento em que a situação do país se tornou muito caótica, fazendo com que tivessem que deixar o país em busca de uma condição de vida melhor:

Em Haiti sou professor de literatura, idioma espanhol e francês também, eu dava aula em escola, eu tenho certificação de idiomas espanhol e francês também, dava aula para adolescente e criança também. Esse foi o único trabalho que tive [...]. Eu venho aqui Brasil, teve o terremoto lá no Haiti, teve muita pessoa que morreu, não tem muita faculdade lá igual aqui, aí tenho muita dificuldade, aí venho aqui fazer faculdade e trabalhar também (Oliver, 32 anos, haitiano).

Lá no Haiti eu comecei a trabalhar como pintor e trabalhar como professor de ensino fundamental Como eu comecei a fazer faculdade, eu dava aulas [...], o meu último trabalho no Haiti era como pintor e de manhã e eu dava aula em escola particular [...]. Lá no Haiti tem um problema, lá às 20 da noite fecha tudo, a gente não tem possibilidade de trabalhar e estudar junto, tem que escolher (Martin, 30 anos, haitiano).

Interessante notar que esses entrevistados compreendem que apenas ao adquirir no Brasil um novo volume de capital educacional e educacional específico exigido pelo mercado de trabalho daqui, eles poderão ter a possibilidade de se inserir nas ocupações que exerciam anteriormente no país de origem.

Por isso, os mesmos demonstram um grande desejo em estudar no Brasil, pois ingressaram no ensino superior no Haiti, porém não conseguiram concluir; além disso, lá estavam desempenhando atividades relacionadas ao ensino e por isso percebem que, para conseguirem uma inserção nesse mesmo ramo de atividade aqui no Brasil, seria essencial retomar os estudos e concluir o ensino superior. O tempo de estadia no local de destino emerge enquanto um recurso necessário, pois Oliver reconhece que precisa de tempo para conseguir aprimorar mais habilidades, como o português, e realizar cursos, para conseguir uma transição para a ocupação que deseja exercer:

Eu vou esperar para procurar um lugar para ensinar, porque tenho que melhorar o português e isso leva um pouco de tempo e preciso fazer a faculdade daqui, depois disso eu vou tentar ser professor em algum lugar, porque é o que eu sei fazer (Oliver, 32 anos, haitiano).

Essa inserção numa ocupação totalmente diferente da que estavam acostumados, num trabalho que necessita que se comuniquem com outros trabalhadores e trabalhem em equipe, numa linha de produção, ocorre mediante diversos problemas relatados pelos entrevistados:

Eu trabalho das 7:30 às 17:30 da tarde, lá tem muito serviço, não é sempre o mesmo serviço, muda muito, tem dias que eu fico colocando ferro nas portas, depois eu arrumo o lugar de colocar chave nas portas [...], eu aprendi o trabalho lá, no começo foi difícil porque não sabia fazer e tinha dificuldade para entender e falar português. (Oliver, 32 anos, haitiano).

Trabalho numa empresa que faz plástico [...], lá eu trabalho como auxiliar de produção [...], eu aprendi o trabalho lá, para mim a conversação foi um pouco difícil, porque tem que trabalhar em equipe, a comunicação é muito importante e o português é muito difícil [...]. Eu trabalho das 22 da noite às 6 da manhã, trabalhar de noite é difícil, tem três grupos que trabalham à noite, eu não estava acostumado com isso. (Martin, 30 anos, haitiano).

Essas barreiras para a inserção e uma mobilidade ocupacional ascendente parecem exercer menos pressão com relação a imigrantes oriundos do Norte global. No caso da canadense Alicia, ela explica que desde que chegou ao Brasil foi “empurrada” para a área educacional, mesmo sem nunca ter atuado nessa área ou possuir qualquer tipo de formação como professora; já na fala da irlandesa Giulianna, ela expressa que teve uma mobilidade ocupacional ascendente ao comparar a ocupação que tinha em seu local de origem e entende que aqui no Brasil isso ocorreu dentro de um prazo bem curto, e que em seu país de origem provavelmente isso não seria possível:

No Canadá eu trabalhava naquele esquema de faculdade, verão você trabalha em qualquer coisa para ter dinheiro, mas aqui no Brasil eu sempre trabalhei dando aula de inglês. Era quase forçado, se você sabia inglês, você era forçada a dar aula de inglês. [...] Fui empurrada. Eu não sabia o que fazer, eu estava meio parada, aí veio alguns lá em casa, “olha, meu curso está precisando de professor e quero você”, fui empurrada. Eu lembro de falar: mas eu não sei dá aula, fiz faculdade no Canadá, mas em outra área. Eles: mas a gente treina, você tem que saber. Daí pra frente eu descobri que levo o jeito pra coisa e gosto. Mas fui empurrada. (Alicia, 61 anos, canadense).

Lá na Irlanda, quando você trabalha na educação infantil você não é professora, você é educadora ou você toma cuidado das crianças, você não é professora, então eu acho que a diferença é que aqui eu ganhei muito mais experiência aqui em pouco tempo do que eu ia ganhar lá. Porque eu já virei coordenadora com seis anos de trabalho aqui, eu acho que para conseguir o mesmo lá na Irlanda iria demorar mais. (Giulianna, 28 anos, irlandesa).

O entendimento que se tem é que para esse “tipo de imigrante”, mesmo que não haja uma formação profissional específica, é como se a nacionalidade propiciasse a criação de uma “autoridade” ou de um “saber” e isso tornasse esse(a) trabalhador(a) imigrante

apto(a) a desempenhar determinadas funções, como mostra a fala da francesa Anne, ao explicar como a sua nacionalidade é benéfica para o trabalho que desempenha no Brasil atualmente, como coordenadora numa empresa de vinhos:

Eu sou coordenadora de produtos atualmente. Eu estudei sobre a América Latina, não estudei sobre vinhos, mas ao mesmo tempo eu também elaboro projetos aqui, então acho que uma parte do meu trabalho está ligada à minha formação e outra não, que é uma coisa de tradição e familiar minha, do mundo do vinho, que não foi uma coisa que eu estudei na faculdade [...], ser francesa e trabalhando no mundo do vinho é algo bem favorável, as pessoas já... só por ser francesa parece que eu tenho um crédito assim para poder falar de vinhos [...] (Anne, 30 anos, francesa).

Portanto, constata-se que a origem étnica é capaz de desempenhar certa influência na trajetória ocupacional desses imigrantes. Um outro aspecto importante é a formação educacional dos imigrantes, incluindo a formação educacional que os mesmos conseguem adquirir após a chegada no local de destino. Isso pode ser observado através da trajetória ocupacional do mexicano Mateus, que possui ensino superior completo e antes de vir para o Brasil atuava em sua área de formação; porém ao emigrar para o Brasil, motivado por uma situação de perda das condições materiais no país de origem, não consegue se inserir numa ocupação semelhante à que tinha em seu país:

Eu sou formado em gestão de recursos humanos, no meu país eu trabalhei nessa área por mais de 20 anos. Chegou um tempo em que a empresa onde eu trabalhava fechou, fiquei mais de um ano desempregado, pois não encontrava nada nessa área, e eu queria voltar trabalhar com isso [...], depois que você fica mais velho é muito difícil encontrar emprego, você é barrado mais. Minha irmã mais velha estava em São Paulo e precisava de ajuda, pois tinha problemas de saúde e morava só. Eu decidi vir com a minha família, para ajudar, mas com o intuito de que se achasse algo poderia tentar aqui [...]. Não encontrei um trabalho parecido ao que tinha, mas depois de alguns outros trabalhos aqui que também não eram parecidos, como garçom, porteiro, zelador, eu busquei fazer alguns cursos e depois de um tempo consegui esse emprego de técnico de logística nessa empresa, não é o mesmo que eu fazia em meu país, mas é o mais próximo que eu consegui (Mateus, 59 anos, mexicano).

No caso do entrevistado Mateus, ele se utilizou de estratégia de “re-profissionalização”, ao perceber que dificilmente conseguiria exercer sua profissão anterior aqui no Brasil, e com várias ocupações não qualificadas o informante se reinventou como profissional e investiu tempo e dinheiro em cursos, mas aproveitando de certa maneira a educação formal específica que já tinha adquirido em seu país de origem. Entende-se que esse tipo de decisão individual foi fundamental para uma mobilidade ocupacional ascendente do interlocutor, após atuar em outras ocupações que não iam ao encontro de suas expectativas.

No entanto, é possível identificar situações em que o acesso a cargos com maior responsabilidade e/ou remuneração é geralmente limitado a determinados imigrantes, ou

seja, há uma seleção dentro da população imigrante, que a princípio já é auto-selecionada. Isso ficou bastante explícito no momento em que foram expostas as trajetórias ocupacionais do(a)s trabalhadore(a)s imigrantes que circulam através de empresas multinacionais.

Em todos esses casos é possível observar que esses diferentes aspectos – origem étnica, a formação educacional e a estrutura do mercado de trabalho – atuam e influenciam diretamente nas trajetórias ocupacionais desse(a)s trabalhadore(a)s, assim como as decisões individuais de cada um, desde o momento em que se decidem por um projeto migratório, e em cada momento durante o processo migratório em si, muitas vezes desenvolvendo estratégias para maximizar os ganhos obtidos durante a permanência no local de destino.

Considerações finais

Ao longo do tempo diversas teorias migratórias foram desenvolvidas buscando compreender e desenvolver conceitos sobre os processos migratórios. Apesar das complexidades que envolvem o fenômeno migratório, pois o mesmo perpassa e relaciona-se com diferentes esferas e aspectos da vida social, um aspecto que emerge como primordial para a compreensão de tal fenômeno é a questão laboral.

Uma primeira questão que é possível destacar é a constatação de um mercado de trabalho dual ou segmentado, com relação à inserção de mão de obra de imigrantes no Brasil; porém, ao contrário da teoria do “mercado de trabalho dual” desenvolvida por Piore (1979), que compreende que os mercados de trabalho em economias avançadas dividem-se em dois setores – primário e secundário –, sendo que o setor secundário seria especificamente o segmento que absorve trabalhadores migrantes, os dados apresentados em nosso estudo demonstram que o mercado de trabalho brasileiro tem absorvido trabalhadores imigrantes para atuar tanto no segmento primário, quanto no secundário.

Nesse sentido, foi possível notar que existe uma atuação de trabalhadores imigrantes no Brasil tanto no setor primário, que se caracteriza por ter altos salários, benefícios adicionais, condições de trabalho satisfatórias e empregos mais seguros; quanto no setor secundário, que apresenta baixos salários, benefícios mínimos ou inexistentes, más condições de trabalho, alta rotatividade de trabalhadores, e empregos que trazem maiores riscos à saúde e integridade dos trabalhadores.

Verifica-se também que uma grande parte dos imigrantes que chegam ao Brasil não conseguem contar com o capital humano que possuem logo de imediato; portanto, assim como diversos teóricos (Chiswick, 1978; Chiswick; Lee; Miller, 2005; Clark; Drinkwater, 2008) explicam, muitas vezes existem obstáculos para que os imigrantes possam utilizar no mercado de trabalho da sociedade de destino as competências adquiridas nos países de origem, e frequentemente os imigrantes enfrentam muitas barreiras para conseguir se inserirem no mercado de trabalho local, especialmente por não possuírem um domínio do idioma local, e não conseguirem reconhecer certificados e diplomas adquiridos nos países de origem.

Isso muitas vezes gera situações de inconsistência de *status* e percebe-se que muitos imigrantes que possuem ensino superior completo e habilidades específicas não conseguem aproveitá-las e atuar em ocupações que aproveitem a formação educacional dos mesmos.

Com relação à utilização do capital social e ao uso das redes sociais, foi possível perceber que, assim como destacam Massey et al. (2001), as redes sociais têm um papel essencial nas estratégias migratórias dos trabalhadores imigrantes que chegam ao Brasil, agindo como ligação e transmissão de recursos diversos, como informações importantes sobre o país, ajuda durante o processo migratório, principalmente no que se refere ao acesso dos imigrantes ao mercado de trabalho.

Ficou perceptível também que em determinados fluxos migratórios, as redes sociais têm capacidade de facilitar a entrada de imigrantes no mercado de trabalho na sociedade de destino, mas ao mesmo tempo acabam impedindo ou dificultando o acesso de imigrantes a determinados setores do mercado de trabalho e oportunidades de mobilidade laboral, pois na medida em que determinados imigrantes acessam ocupações do segmento secundário de produção, o mercado de trabalho da sociedade receptora pode acabar “estigmatizando” os demais indivíduos que migram e que são oriundos da mesma região ou local de origem, criando assim, nichos específicos para a atuação desses trabalhadores.

Constata-se, portanto, que alguns imigrantes acabam acumulando maiores situações de desvantagens e discriminações ao tentarem se integrar no mercado de trabalho formal no Brasil, assim como aponta a teoria da desvantagem ou da discriminação, que através de diversos estudos (Mata; Pendakur, 1999; Clark; Drinkwater, 2000; Parker, 2006) aponta para a existência de barreiras estruturais – relacionadas a etnia, raça, gênero e classe – para a integração e a mobilidade ocupacional de determinados imigrantes nas sociedade de destino.

Tal fato ficou bastante evidente ao observar-se o fluxo migratório mais significativo que existe atualmente para o país, que é o fluxo migratório de haitianos. É possível notar que esses trabalhadores são empurrados para trabalhos localizados na ponta precária da produção, ou seja, a maioria encontra-se em empregos subalternos que não possibilitam uma mobilidade ocupacional desses sujeitos.

Para compreender melhor como se dá esse processo de desvantagem e discriminação com relação a esses trabalhadores imigrantes no Brasil, entende-se que é fundamental levar em consideração a formação histórica e social de nosso país, como o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil, a seletividade com relação aos trabalhadores estrangeiros que vieram substituir a mão de obra escrava após o fim do tráfico de africanos para o Brasil e toda a repercussão desses fatos em nosso contexto até o presente momento.

Referências

AKRESH, Ilana. Occupational Trajectories of Legal US Immigrants: Downgrading and Recovery. *Population and Development Review*, v. 34, n. 3, p. 435-456, maio/ago., 2008.

ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. *Migración y Desarrollo*, Cidade do México, n. 01, p. 01-30, out. 2003.

BEAN, Frank; LEACH, Mark; LOWELL, Lindsay. Immigrant job quality and mobility in the United States. *Work and Occupations*, Pennsylvania State, v. 31, n. 4, p. 499-518, jun./nov. 2004.

BEAVERSTOCK, Jonathan. Highly skilled international labour migration and world cities: expatriates, executives and entrepreneurs. In: DERUDDER, Ben et al. (Ed.). *International labour migration and world cities*. Cheltenham; Northampton: Edward Elgar Publishing Limited, 2012. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/289536954>>. Acesso em: 18 out. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. The forms of capital. In: J. G. Richardson (Ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

CHISWICK, Barry. The effect of Americanization on the earnings of foreign-born men. *Journal of Political Economy*, University of Chicago Press, v. 86, n. 5, p. 897-921, Feb./Oct. 1978.

CHISWICK, Barry; LEE, Yew; MILLER, Paul. A Longitudinal Analysis of Immigrant Occupational Mobility: A Test of the Immigrant Assimilation Hypothesis. *International Migration Review*, v. 39, n. 2, p.332-353, mar./nov. 2005.

CLARK, Ken; DRINKWATER, Stephen. The Labour-Market Performance of Recent Migrants. *Oxford Review of Economic Policy*, v. 24, n. 3, p. 495-516, abr./dez. 2008.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação e sociedade*, Campinas, v. 19, n. 62, p. 13-30, abr. 1998.

DUBAR, Claude; NICOURD, Sandrine. *Les biographies em sociologie*. Paris: La Découverte, 2017.

EDMONSTON, Barry. Lifecourse perspectives on immigration. *Canadian Studies in Population*, Edmonton, v. 40, n. 1-2, p. 1-8, spring/summer 2013.

FOSSATI, Flávia; LIECHTI, Fabienne; AUER, Daniel; BONOLI, Giuliano. Discrimination multipliers: how immigrant's integration affects labour Market disadvantage. *Mim Working Pappers series*, Malmö, v. 17, n. 2, 2017.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2008.

MACNULTY, Yvonne. Are self-initiated expatriates born or made? Exploring the relationship between SIE Orientation and individual ROI. In: VAIMAN, V.; HASLBERGER, A. (Ed.). *Managing Talent of SelfInitiated Expatriates: A neglected source of global talent*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013. p. 30-58.

MASSEY, Douglas. et al. Social Capital and International Migration: a Test Using Information on Family Networks. *The American Journal of Sociology*. v. 106, n. 5, p.1262-1298, nov. 2001.

PARKER, Simon. *The economics of self-employment and entrepreneurship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PIORE, Michael. *Birds of passage: migrant labour in industrial societies*. Nova York: Cambridge University Press, 1979.

RAGAZZI, Elena; SELLA, Lisa. *Migration and Work: the cohesive role of vocational training policies*. Working Paper Cnr-Ceris, Moncalieri (Torino), v. 15, n. 16, jan./mar. 2013.

RIERA, Mariona. *Trajectòries laborals de treballadors immigrants a Espanya: Barreres i decretes a la seva integració laboral*. 2013. 483 f. Tese (Doutorado em Sociologia)– Facultat de Ciències Polítiques i Sociologia, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, Espanha, 2013.

SASSEN, Saskia. Global migrations and economic need. In: SMITH, Rogers M. (Ed.). *Citizenship, Borders, and Human Need*. Pennsylvania State: University of Pennsylvania Press, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Luís. *Percursos desiguais: trajetórias ocupacionais dos trabalhadores no setor de telecomunicações no período pós-privatização*. 2011. 241 f. Tese (Doutorado em Sociologia)– Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SIMON, Gildas. Penser globalement les migrations. *Revue Projet*, Paris, v. 4, n. 272, p.34-45, maio/set. 2002.

SUZUKI, Lilian Silva do Amaral. *Trajetórias ocupacionais de imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro*. 2018. 227 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

VALENDUC, Gérard; VENDRAMIN, Patrícia; PEDACI, Marcello; PIERSANTI, Mariangela. *Changing careers and trajectories: how individuals cope with organizational change and restructuring*. Leuven: Katholieke Universiteit Leuven, Higher institute of labour studies, 2009.

WANG, Qingfang. Labour market concentration of Asian ethnic groups in US metropolitan areas: a disaggregated study. *Population, Space and Place*, Londres, v. 10, n. 6, p. 479-494, nov./dez. 2004.

Occupational trajectories of immigrant workers in Brazil: uneven paths

Abstract

This study sought to analyze sociologically the occupational trajectories of immigrant workers present in the Brazilian formal labor market. It is understood that a study on occupational trajectory should observe the professional and employment history, which may include an analysis over time in the same profession or in periods of professional mobility. To understand the occupational trajectories and aspects that involve them, it was conducted semi-structured interviews and the application of questionnaires with immigrant workers that were inserted in the Brazilian formal labor market. The analysis of the interviews and the questionnaires showed a strong polarization among immigrant workers present in Brazil. In this sense, while a small part is inserted in occupations located at the top of the productive chain, the majority is acting at the base of the hierarchy productive.

Keywords: Occupational trajectories, immigrants, formal labor market, mobility, migratory flows.

Trajectorias ocupacionales de trabajadores inmigrantes en Brasil: caminos desiguales

Resumen

El presente estudio buscó analizar sociológicamente las trayectorias ocupacionales de trabajadores inmigrantes presentes en el mercado de trabajo formal brasileño. Se entiende que un estudio sobre trayectoria ocupacional debe observar la historia profesional y de empleo, lo que puede incluir un análisis a lo largo del tiempo en una misma profesión o en períodos de movilidad profesional. Para la comprensión de las trayectorias ocupacionales y aspectos que las involucran, la investigación recurrió a datos que fueron recolectados a través de la realización de entrevistas semiestructuradas y la aplicación de cuestionarios con trabajadores inmigrantes que se encontraban insertados en el mercado de trabajo formal brasileño. El análisis de las entrevistas y de los cuestionarios permitió constatar una fuerte polarización entre los trabajadores inmigrantes presentes en Brasil, en ese sentido, mientras que una pequeña parcela se inserta en ocupaciones localizadas en la cima de la cadena productiva, la mayor parte se encuentra actuando en la base de la jerarquía productiva.

Palabras clave: Trayectorias ocupacionales, inmigrantes, mercado de trabajo formal, movilidad, flujos migratorios.

Data de recebimento do artigo: 12/09/2018

Data da aprovação do artigo: 19/11/2018